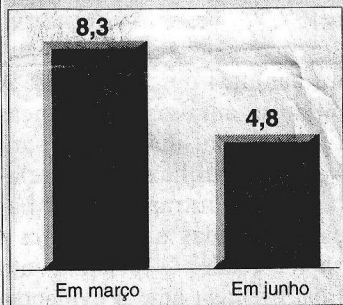


Economia Brasil

## RETRAÇÃO

Previsões de investimentos\* para 2005 - Variação em relação ao ano anterior (em % do PIB)



Fonte: Ipea \*Formação bruta de Capital Fixo

GAZETA MERCANTIL 09 JUN 2005

# Projeções de investimentos caem de 8,3% para 4,8%

SABRINA LORENZI E MARIANA CARNEIRO

Rio

Economistas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) prevêem um crescimento de apenas 2,8%, abaixo da perspectiva de 4% que o governo insiste em manter. O órgão atrelado ao Ministério do Planejamento esperava por uma taxa de 3,5% antes de tomar conhecimento do pífio 0,3% de aumento do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro trimestre.

O maior "balde de água fria" virá dos investimentos, cujas projeções despencaram de 8,3% para 4,8%. O consumo também recua de 4,3% para 3,8% no mesmo caminho da indústria, que passa de 4,7% para 3,7%. O diretor de estudos macroeconômicos do Ipea, Paulo Levy, alerta para problemas de oferta que podem surgir. "O investimento está crescendo, mas não no ritmo que gostaríamos", disse o economista.

Continua na página A-5

# Projeções de investimentos...

## *O economista Fábio Giambiagi classifica o momento como uma "fredda de arrumação"*

SABRINA LORENZI E MARIANA CARNEIRO

Rio

Continuação da página A-1

O Ipea previa aumento de 7,8% dos investimentos no primeiro trimestre até a notícia de que a Formação Bruta de Capital Fixo cresceu 2,3%. Em comparação com os três últimos meses de 2004, houve queda de 3% dos investimentos. E a taxa de investimento voltou ao patamar alcançando no ano passado, de 18,8% do PIB.

O economista destaca a importância de o País voltar a investir pesado a partir do terceiro trimestre para dar condições de crescimento sustentado da economia. Para o Ipea, o consumo tende a se reerguer, com aumento do salário-mínimo e a perspectiva de alívio dos juros. Com a volta da demanda forte, o País precisa estar munido de investimentos para atender à produção necessária, sem desequilíbrio entre oferta e demanda e consequente pressão inflacionária.

As exportações também continuam crescendo, mas em ritmo menos acelerado. A projeção de aumento passa de 10,2% para 9,4%. Apesar disso, a expectativa do saldo comercial é melhor, passando de US\$ 27,7 bilhões para US\$ 35,3 bilhões, mesmo diante de um câmbio mais valorizado, de R\$ 2,60 em média.

O Ipea prevê para os próxi-

mos dois trimestres taxas de crescimento menores que 2,3%, obtidos na comparação com o primeiro trimestre do ano passado. A revigoração da economia chega apenas no quarto trimestre com aumento de 3,2% do PIB. Para o segundo e terceiro trimestre, a perspectiva é crescer 2,7% e 2,3%, respectivamente.

O economista Fábio Giambiagi classifica o momento como "fredda de arrumação". "A recuperação pressupõe que pelo menos a perspectiva de reversão da política monetária - á medida em que se consolidem os sinais de queda das taxas de inflação - fique clara a partir de meados do terceiro trimestre", cita o boletim de conjuntura de junho.

O diretor do Ipea, Paulo Levy, sugere a manutenção da meta de inflação de 4,5% para 2006. "É

possível argumentar em favor de uma estratégia que seja consistente com a viabilização de um processo duradouro de queda dos juros, associando certa moderação da velocidade de queda da inflação." Os chamados preços administrados, que incluem tarifas públicas, remédios e combustíveis, prometem perder o estigma de vilões da inflação.

Segundo o Ipea, os Índices Gerais de Preços (IGPs), que balizam os reajustes destes preços, estão em queda livre e vão compor aumentos menores na segunda metade do ano. A expectativa é de que o IGP-M acumulado em 12 meses caia da média de 11% - registrada nos primeiros quatro meses do ano - para 6,5% no segundo semestre.

"O movimento dos IGPs vai fazer com que os administrados passem a ter um comportamento favorável a partir de então", avalia Levy. Com isso, a correção de preços de energia para as distribuidoras que têm data-base no segundo semestre será menor.



Fábio Giambiagi